

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS - UNEAL
CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA EM LETRAS -
PORTUGUÊS E SUAS LITERATURAS

ELEUZA JUVITA DE LIMA SANTOS

AS NARRATIVAS ORAIS DOS ANCIÕES WASSU COCAL
história, território e identidade de um povo

PALMEIRA DOS ÍNDIOS

2025

ELEUZA JUVITA DE LIMA SANTOS

AS NARRATIVAS ORAIS DOS ANCIÕES WASSU COCAL
história, território e identidade de um povo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial de avaliação à obtenção do grau de Licenciado em Letras – Português e suas literaturas, do Campus III da Universidade Estadual de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Lavoisier Almeida dos Santos

PALMEIRA DOS ÍNDIOS

2025

ELEUZA JUVITA DE LIMA SANTOS

AS NARRATIVAS ORAIS DOS ANCIÕES WASSU COCAL

história, território e identidade de um povo

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras e suas literaturas, através do curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas – CLIND, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: 06/04/2025

Documento assinado digitalmente
 **LAVOISIER ALMEIDA DOS SANTOS**
Data: 01/05/2025 10:57:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Lavoisier Almeida dos Santos (Orientador/Presidente da Banca)

Documento assinado digitalmente
 **DAVID CHRISTIAN DE OLIVEIRA PEREIRA**
Data: 05/05/2025 11:30:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. David Christian de Oliveira Pereira (1º avaliador)

Documento assinado digitalmente
 **IRACI NOBRE DA SILVA**
Data: 06/05/2025 21:27:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Iraci Nobre da Silva (2ª Avaliadora)

A meu pai
que ancestralizou
há sete meses.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A meu Pai: ancião que foi meu espelho, que me inspirou muito, pois teve grande contribuição no fortalecimento de nossa identidade étnica, assim como nas lutas por uma saúde e uma educação indígena diferenciada, na valorização da cultura. O senhor deixou um grande legado que será sempre lembrado.

A meu orientador.

À equipe do CLIND-UNEAL e a todos os professores.

À minha família e aos meus amigos que de alguma forma contribuíram para que eu estivesse concluindo essa graduação.

RESUMO

SANTOS, Eleuza Juvita de Lima. **As narrativas orais dos anciões Wassu Cocal:** história, território e identidade de um povo. 2025. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena em Letras: Português e suas Literaturas – Universidade Estadual de Alagoas: Palmeira dos Índios, 2025.

Este trabalho de conclusão de curso explora as narrativas orais dos anciões da aldeia Wassu Cocal e sua influência na formação da escrita dos estudantes indígenas. As histórias contadas pelos anciões são fundamentais para a preservação da cultura e identidade indígena, além de oferecerem um rico repertório que alimenta a produção textual dos jovens. A pesquisa destaca a importância da oralidade como um meio de transmissão de conhecimentos e valores, mostrando como esses relatos se transformam em inspiração para a manutenção e sedimentação da identidade do povo Wassu Cocal. Por meio de entrevistas e observações de rodas de conversa, foi possível entender a dinâmica entre a oralidade e a escrita, evidenciando que as experiências vividas e narradas pelos mais velhos se refletem nas produções literárias dos estudantes, bem como no seu processo de construção de identidade de sujeito indígena. Assim, o estudo destaca a relevância das narrativas orais no contexto da educação escolar indígena e nas vivências culturais do povo Wassu Cocal.

Palavras-chave: Narrativa Oral. Anciões. Wassu Cocal. Educação Escolar Indígena.

ABSTRACT

SANTOS, Eleuza Juvita de Lima. **The Oral Narratives of the Wassu Cocal Elders: History, Territory, and Identity of a People.** Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena em Letras: Português e suas Literaturas – Universidade Estadual de Alagoas: Palmeira dos Índios, 2025.

This thesis explores the oral narratives of the elders from the Wassu Cocal village and their influence on the writing development of indigenous students. The stories told by the elders are fundamental for the preservation of indigenous culture and identity, as well as providing a rich repertoire that fuels the textual production of the youth. The research highlights the importance of orality as a means of transmitting knowledge and values, showing how these narratives become an inspiration for the maintenance and solidification of the Wassu Cocal people's identity. Through interviews and observations of conversation circles, it was possible to understand the dynamics between orality and writing, highlighting how the lived experiences and stories shared by the elders are reflected in the literary productions of the students, as well as in their process of constructing their identity as indigenous individuals. Thus, the study emphasizes the relevance of oral narratives in the context of indigenous school education and in the cultural experiences of the Wassu Cocal people.

Keywords: Oral Narratives. Elders. Wassu Cocal. Indigenous School Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 AS A CONQUISTA DA TERRA INDÍGENA DO POVO WASSU COCAL: SUA HISTÓRIA, SEUS HERÓIS, SUAS NARRATIVAS E SUAS LUTAS.....	09
3 A NARRATIVA DO SENHOR SEVERINO DA SILVA E SUAS INTERLOCUÇÕES: APRESENTANDO O CORPUS DA PESQUISA.....	12
3.1 O DISCURSO DOS MAIS JOVENS SOBRE AS NARRATIVAS ORAIS DOS MAIS VELHOS DA COMUNIDADE: O QUE PERGUNTAM, ESCREVEM E DIZEM OS ALUNOS?.....	16
4 ENTRE A LÍNGUA, O SOCIAL, A HISTÓRIA E A CULTURA: ANALISANDO AS MARCAS DISCURSIVAS DO ENCONTRO INTERGERACIONAL DO POVO WASSU POR MEIO DO PROJETO RODA DE CONVERSA COM OS ANCIÕES DO COCAL VELHO.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
6 REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os efeitos de sentidos colocados em movimento pelo projeto educacional Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho no contexto da educação escolar indígena da comunidade Wassu Cocal. A observação e análise do referido projeto foram realizadas com uma turma da primeira série do Ensino Médio, disciplina de história, da Escola Estadual Indígena José Máximo.

Por meio da realização desse projeto, os alunos têm a oportunidade de ouvir e reinterpretar essas histórias, promovendo um diálogo intergeracional que enriquece tanto a prática pedagógica quanto concorre para a manutenção e promoção da cultura e da identidade do povo Wassu Cocal conforme preconiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica (Brasil, 2012).

No decorrer da realização desta pesquisa, nos demos conta de um fascinante encontro entre três gerações: os anciãos, que compartilham suas vivências e sabedorias, evocando memórias e ancestralidade, ao narrar suas histórias; os jovens estudantes, que escutam atentamente e, por meio da escrita de perguntas e comentários, atualizam e ressignificam essas narrativas; e a figura mediadora da professora de história que, fazendo parte de uma geração que está entre os mais velhos e os mais novos, facilita o processo de troca, promovendo a escuta ativa e a reflexão crítica acerca do processo vivenciado. Entendemos, então, que toda essa dinâmica ocorrida no espaço escolar não apenas fortalece os laços comunitários, mas também valoriza o conhecimento tradicional de nosso povo.

Buscando em Pêcheux (2014, p. 81) a compreensão de que o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores dentro de um processo discursivo, temos como principal objetivo, nesta pesquisa, analisar os discursos produzidos, as memórias evocadas e atualizadas em meio às relações intergeracionais estabelecidas durante a realização do projeto educacional Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho.

Entendemos, então, que essa prática linguística, tomada aqui discursivamente – a partir de Pêcheux (2014) - como uma prática social, se manifesta como um veículo fundamental para a construção da identidade cultural e

social dos estudantes indígenas, refletindo práticas históricas e sociais que moldam sua realidade pessoal e a realidade da sua comunidade.

Ao focalizar a interação entre gerações e a transmissão do conhecimento cultural, este trabalho pretende contribuir para o entendimento de como é importante a presença dos anciões da comunidade que, com seus ditos e não-ditos, materializam uma presença simbólica cheia de possibilidades e sentidos para a formação da identidade e identificação cultural dos estudantes, promovendo, assim, a manutenção cultural do povo Wassu Cocal.

2 A CONQUISTA DA TERRA INDÍGENA DO POVO WASSU COCAL: SUA HISTÓRIA, SEUS HERÓIS, SUAS NARRATIVAS E SUAS LUTAS.

A história do povo Wassu Cocal está marcada por uma luta contínua pela conquista e preservação de seu território, bem como pela manutenção de sua identidade cultural (Oliveira, 2017; Pereira, 2014). Dessa forma, o território indígena Wassu Cocal, estando imbricado à história desse povo, não é apenas um espaço físico, mas também um espaço simbólico com o qual esse povo estabelecem uma relação, fundamental para a manutenção de sua cultura e de sua identidade.

No que diz respeito à resistência do Povo Wassu Cocal pela conquista e preservação de sua terra indígena (TI), destacamos que:

A história [...] Wassu Cocal é marcada por lutas, mortes e resistências. Na década de 1970, por exemplo, os chamados “brancos-grileiros” declararam guerra ao povo Wassu na intenção de se apropriar de suas terras. Diante da perseguição e das más condições de sobrevivência, muitos Wassu fugiram do local negando sua identidade para não serem mortos. Contudo, atualmente essa comunidade vem buscando fortalecer a identidade como forma de garantir a posse de suas terras (Bodart, Souza e Pinheiro, 2019, p. 126).

Pensamos ser importante evidenciar que nós entendemos a relação estabelecida entre o povo Wassu Cocal e seu território como uma via de mão dupla. Nesse sentido, enquanto Bodart, Souza e Pinheiro (2019, p. 126) afirmam que “atualmente essa comunidade vem buscando fortalecer a identidade como forma de garantir a posse de suas terras”, nós ampliamos essa visão a partir da perspectiva de que, ao passo que o fortalecimento de nossa identidade étnica-cultural garante e

legítima a constante luta pela preservação e ampliação de nossa TI, o território Wassu, enquanto espaço material e simbólico, nos ajuda a afirmar e sedimentar a nossa identidade cultural.

É seguindo esse entendimento que apresentaremos, nesta pesquisa, a narrativa¹ de um de nossos anciões que participou desse processo de luta e resistência aos ditos fazendeiros que, na década de 70, declararam guerra ao povo Wassu na intenção de, mais uma vez, usurpar seu território. Apresentaremos a narrativa completa mais adiante. Contudo, já vamos antecipar ao leitor um trecho que consideramos ser importante para ilustrar a discussão:

[...] essa luta (...) contra o Major Juvená, que era o dono daquela área ali de onde morava Rosineide entre a entrada do sítio Velho e a cabeça da ponte. (...) Ele reunia os capangas dele, reunia os policiais para vim ameaçar, intimidar, para entrar na área, para tomar conta de tudo (...) e as casa da gente (...) as casa de onde a gente morava, botar fogo. Como aconteceu na serrinha. E a gente se entrinchiemos nessa coragem que Deus deu e hoje nós estamos aqui, nesse mundo de terra, através da luta e da coragem que Deus deu a gente. Então quero pedir a vocês que são jovens, que não esqueçam essa luta. Essa luta nunca acaba. Sempre procure defender, procure apoiar, procure respeitar as pessoas que luta (Senhor Severino Antônio, *Projeto roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*).

Voltaremos ainda à narrativa posta, mas já podemos perceber que o cenário da luta em defesa do território Wassu foi de verdadeira guerra, tendo os invasores, de alguma forma, aparato estatal com o uso do aparelho repressor do estado e possibilidades de manter uma milícia própria de capangas e jagunços. Nesse sentido, podemos afirmar, a partir de Oliveira (2017), em sua dissertação de mestrado *Povo Wassu Cocal: terra, religiões e conflitos*, que a TI Wassu sempre esteve associada a algum conflito: seja a derrocada do Quilombo do Palmares, a

¹ É importante informar ao leitor que essa narrativa foi registrada a partir da presença do ancião Severino da Silva na Escola Estadual Indígena José Máximo. Sua visita à escola foi motivada pelo projeto *Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho* realizado na disciplina de História, ministrada pela professora Fabiana Paulina da Silva. Sempre que formos apresentar alguma fala dos sujeitos que participaram desta pesquisa, a saber: senhor Severino, a professora Fabiana Paulina e os alunos – todos indígenas Wassu Cocal, o sinal “(...)” representará algum tipo de pausa realizada pelo falante e “[...]” algum tipo de supressão realizada no decorrer das falas: seja por uma necessidade de fazer o recorte para utilização do dito em uma determinada sequência discursiva (SD) ou, no contexto geral do discurso, por não ter conseguido recuperar/ou está inaudível o determinado trecho da gravação.

guerra dos Cabanos ou a guerra do Paraguai. Nesse sentido, é interessante observar o registro feito por Bodart, Souza e Pinheiro (2019, p. 126):

Narram os mais antigos da aldeia Wassu que as terras foram “doações” da Coroa Portuguesa aos índios combatentes como forma de recompensa pela participação nas forças coloniais que destruíram o Quilombo de Palmares. Contudo, essas terras foram, ao longo do tempo, apropriadas por grileiros e os índios tomados por empregados; alguns acabaram fugindo para outros locais, deixando a identidade Wassu.

Mais uma vez trazemos à tona a relação existente entre a identidade Wassu Cocal e seu território e os conflitos inerente manutenção deste. Em relação à sua origem, não vamos entrar, aqui, no mérito histórico da questão, mas entendemos que faz muito sentido que esse território tenha sido uma retribuição, forma de recompensa pela colaboração com o governo em questão, aos indígenas combatentes seja no Quilombo, nos Cabanos ou mesmo na guerra do Paraguai. Contudo, pensamos ser importante destacar que tal ideia não nega a possibilidade, apresentada por Oliveira, (2017, p. 40), de que “talvez, indígenas ancestrais do povo Wassu, já estavam presentes na região da atual Joaquim Gomes mesmo antes da luta contra os Palmarinos”.

Sendo assim, podemos afirmar que o território Wassu sempre foi alvo de invasões e apropriações ilegais. A demarcação oficial de suas terras, que ocorreu em 2009, foi resultado de décadas de mobilização e resistência e mesmo assim não é garantia de sua manutenção. Nesse sentido, as narrativas orais dos anciões são essenciais para a compreensão dessa trajetória histórica, pois elas ativam e atualizam a memória dos conflitos enfrentados pelo povo, transmitindo conhecimentos sobre os eventos que moldaram sua identidade coletiva e preparando para os atuais e futuros conflitos.

Os heróis da luta dos Wassu Cocal são frequentemente retratados nas narrativas orais como figuras que encarnam a resistência e o valor da comunidade. Podemos destacar aqui a figura do cacique Hibes Menino de Freitas, brutalmente assassinado em 1984 por lutar pelo território e pela identidade Wassu Cocal (Ferreira, 1991). É sempre importante destacar as lideranças indígenas que se levantaram contra injustiças, como o caso de nosso mártir Hibes Menino e outros líderes que resistiram, que enfrentaram, que organizaram protestos e campanhas pelo reconhecimento, demarcação e homologação de nosso território.

As narrativas sobre esses acontecimentos são fundamentais para inspirar as novas gerações a continuarem a luta por seus direitos e por um futuro mais justo. Além disso, reportagens em revistas especializadas em cultura indígena frequentemente entrevistam esses líderes, trazendo à tona suas vozes e experiências, reforçando a importância de suas contribuições.

Tais narrativas desempenham um papel fundamental nas culturas indígenas, funcionando como um meio de transmissão de conhecimento, valores e tradições. Na aldeia Wassu Cocal, os anciões são os guardiões dessas histórias, que refletem a sabedoria acumulada ao longo de gerações. As narrativas não são apenas contos; são relatos que conectam a comunidade ao seu passado, fortalecendo a identidade cultural e promovendo a coesão social. Este contexto é crucial para entender como os jovens da aldeia se relacionam com essas histórias e o impacto que elas têm em sua formação.

Ao ouvirem as narrativas dos anciões, os alunos exercitam a escuta ativa, um processo que envolve não apenas ouvir, mas compreender e refletir sobre o que é compartilhado. Essa prática é essencial para que os jovens possam fazer perguntas pertinentes e expressar suas próprias interpretações. A escuta ativa também promove um espaço de diálogo intergeracional, onde os mais velhos compartilham suas experiências e os mais jovens questionam e reinterpretam esses relatos à luz de suas vivências contemporâneas.

3 A NARRATIVA DO SENHOR SEVERINO DA SILVA E SUAS INTERLOCUÇÕES: APRESENTANDO O CORPUS DA PESQUISA

As narrativas orais desempenham um papel crucial na educação dos jovens Wassu Cocal, integrando saberes tradicionais com o conhecimento escolar. Pesquisas acadêmicas mostram que ao registrar essas histórias na palavra escrita dos estudantes indígenas, promove-se uma forma de valorização cultural que fortalece sua identidade. Além disso, as narrativas ajudam os jovens a compreenderem seu papel na continuidade da luta por seus direitos. A literatura focada em educação indígena enfatiza a importância de incluir essas vozes no currículo escolar como uma maneira de reconhecer e respeitar as tradições locais enquanto se busca um diálogo entre diferentes formas de saber.

A educação formal na aldeia Wassu Cocal tem um papel significativo na valorização das narrativas orais. Ao integrar essas histórias no currículo escolar, os educadores ajudam a legitimar o conhecimento tradicional e promovem uma maior valorização da cultura indígena entre os jovens. Essa abordagem educacional incentiva a pesquisa e a documentação das narrativas orais, permitindo que os alunos se tornem protagonistas na manutenção e promoção de sua herança cultural.

Durante as aulas de história, no âmbito do projeto *Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*, os estudantes foram incentivados a ouvir e registrar as experiências vividas pelos anciãos. A metodologia escolhida incluiu visitas às casas dos líderes comunitários e convites para que eles compartilhassem suas memórias na escola. Essas rodas de conversa não eram apenas encontros informais; eram momentos sagrados de troca de saberes nos quais a oralidade se transformava em um poderoso instrumento de ensino e interpelação à identificação cultural para aqueles que ouviam.

Os anciãos contaram suas histórias com uma riqueza de detalhes que só a experiência pode fornecer. A narrativa sobre a luta pela demarcação das terras é marcada por desafios imensos. Apresentaremos agora a narrativa do senhor Severino, um dos líderes mais respeitados da comunidade, compartilhou memórias vívidas das batalhas enfrentadas para garantir o direito à terra. Antes de iniciar formalmente a roda de conversa, nosso ancião foi logo afirmando: “A gente não lutô apenas por um pedaço de chão (...) a luta foi pela identidade (...) história da gente”.

Seguiremos agora com a descrição, mais próxima o possível, de uma das rodas de conversa por nós observas. Depois dos alunos e convidados estarem acomodados na sala de aula em formato circular, a professora inicia as atividades com a seguinte fala²:

- Bom dia! Nessa aula, vamos conversar sobre memórias e saberes do pessoal que morou no Cocal Velho e aqui estão alguns dos anciões que moravam lá. E a nossa aula de hoje é sobre essa questão do modo de vida

² Lembramos ao leitor que o sinal “(...)” representa algum tipo de pausa realizada pelo falante e “[...]” algum tipo de supressão realizada no decorrer das falas: seja por uma necessidade de fazer o recorte para utilização do dito em uma determinada sequência discursiva (SD) ou, no contexto geral do discurso, por não ter conseguido recuperar/ou está inaudível o determinado trecho da gravação.

que eles tinham lá, as dificuldades enfrentadas. Como começou essa luta e resistência da demarcação das terras? Todo esse contexto envolvendo essas temáticas. Então vocês como alunos da primeira série, precisam estar aptos dessas questões, porque nós somos indígenas, moramos no território e tem uma história linda! E nós, como estudantes, como professores, como moradores daqui, precisamos entender um pouquinho desse processo e valorizar os anciões que deixam com vida para passar essa história. Fica pra gente! E posso iniciar a pergunta. A primeira pergunta que eu vou fazer, a primeira pergunta como professora e vocês? Os demais depois podem iniciar ler também, ficar a vontade em fazer perguntas [...]. Qualquer um pode responder. Eu queria que você falasse como foi que iniciou essa luta do Cocal Velho? (Professora, *Projeto Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*).

O senhor Severino prontamente toma a palavra e inicia a resposta com uma outra pergunta?

- Todos são índio? (Senhor Severino **XXXXXX**, *Projeto roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*).

A professora faz a mediação:

- Eu acredito que sim, né pessoal? Os que não são, mas tem algum parentesco. (Professora, *Projeto Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*).

Um aluno toma a palavra e responde:

- Todos são indígenas (Aluno 1, *Projeto Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*).

Nosso ancião Severino, depois de acenar com a cabeça, continua:

- Primeiro de tudo? (...) Eu quero agradecer a Deus pela presença de cada um de vocês, porque quando a gente se encontra no meio da juventude, a gente se sente honrado e a maior honra de vocês é vocês se manterem comportado, respeitando um ao outro, respeitando a direção do diretor, do professor, respeitando os amigos que estão com vocês aqui na sala de aula e respeitar os amigos que acompanham vocês pra casa, na estrada. Esse é o bom comportamento do aluno e de vocês que estão estudando. Porque na verdade eu queria ter esse prestígio que vocês tem hoje, que na época eu não tinha. Hoje vocês tem um carro na porta pra buscar vocês. Vocês têm livros? Vocês têm? Vocês tem auxilio governo federal e na época não tinha.

(...)

- Eu plantei uma tarefa de roça, gente, que o meu pai roçou o mato e eu cavei a roça pequeno, com oito anos de idade, pra comprar um jumento pra estudar na casa da dona Antonia Freitas, aqui na Serrinha. E quando

chegou a casa de farinha eu não tive condição de comprar não, porque meu pai disse o seguinte:

“- Se você comprar esse jumento, a gente ia passar fome”.

Porque a gente ia ficar sem a mandioca pra fazer farinha. E repare que época difícil. A gente vê hoje vocês. Agradeço a Deus por vocês. Tem pai, tem uma mãe, o teu irmão tem um professor que dá a melhor educação pra vocês que vocês não sentem tanto como eu senti. E hoje eu não sei ler e aprendi duas coisas ABC. Quer dizer que você está vendo vocês aqui nem sabe o que isso significa, o ABC, porque vocês já começaram a estudar em outros livros, né? Não é isso, Lêu? Então eu estudei no ABC e aprendi a fazer esse nome meu. Só sei fazer meu nomezinho que eu faço por interesse meu, porque eu não tinha condição de que a escola era longe.

(...)

- Aí aproveitava (...) e colocar o feijão no fogo de madrugada, varrer casa, lavar prato. Aí quando o feijão cozinhava, eu corria para ir aprender uma sílaba do ABC: A E I A B C (...) E aí quando eu terminava, eu ia pra casa com meu pai, que ninguém consegue estudar porque eu não tinha tempo pra isso. - E hoje você tem tudo pra ser homem de bem, mulher de bem, tem um emprego decente, você é uma pessoa maravilhosa, então agradeço a Deus por isso. O espaço que vocês tem é essa oportunidade que vocês estão recebendo hoje pra iniciar a luta da gente.

- Meu pai, quando eu tava com dez anos de idade, meu pai disse:

“- Eu não quero você nessa luta reivindicando questão de terra, porque isso é muito perigoso para vocês que são crianças e não sabem como se defender”.

- (...) Quera que agente fazia? Saía Antônio Rufino, José Tenório, compadre Ademácio, Mariomácio, tio Iderlindo, tio Cisso Mácio, o Zé Luiz, o finado Lazaro (...), que talvez nenhum de vocês conheça para, acompanhar essa luta (...) contra o Major Juvená, que era o dono daquela área ali de onde morava Rosineide entre a entrada do sítio Velho e a cabeça da ponte. (...) Ele reunia os capangas dele, reunia os policiais para vim ameaçar, intimidar, para entrar na área, para tomar conta de tudo (...) e as casa da gente (...) as casa de onde a gente morava, botar fogo. Como aconteceu na serrinha.

(...)

- E a gente se entrinchiemos nessa coragem que Deus deu e hoje nós estamos aqui, nesse mundo de terra, através da luta e da coragem que Deus deu a gente. Então quero pedir a vocês que são jovens, que não esqueçam essa luta. Essa luta nunca acaba. Sempre procure defender, procure apoiar, procure respeitar as pessoas que luta. Porque hoje vocês estão aqui. Aqui, nesse setor, aqui, por conta da luta da gente. Isso é muito importante para vocês, porque aqui quem morava aqui era um fazendeiro. Nem passar aqui a gente podia passar toda hora da noite, passava escondido para ele não vê.

- E, quando o capataz via, dizia: - Passe ligeiro para fulano não ver. E hoje vocês tem a liberdade. Vocês se senta, conversa, estuda. (...) Como é? brinca, se diverte. Fica a vontade de sair. É muito importante para vocês, né? Então, eu gostaria de pedir essa sinceridade de vocês, essa firmeza para que vocês se mantenham como vocês estão se mantendo e lute, porque hoje só tem uma coisa quem tem estudo [...].

- Vocês são as voz do amanhã (...). Estudem não só pra vocês, mas pro nosso povo [...] (Senhor Severino, *Projeto Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*).

Considerando o discurso como a inscrição histórica da língua e do sujeito na cultura e no social, entendemos que as práticas de contar e ouvir as narrativas do povo Wassu Cocal colocam em movimento um processo discursivo de subjetivação e produção dos sentidos no campo discursivo que vai além do ato enunciativo de narrar:

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação de construção da realidade etc. (Orlandi, 2007, p. 21).

Sendo assim, as narrativas orais, no contexto cultural dessa comunidade, são mais do que simples histórias; elas são um patrimônio imaterial que deve ser valorizado e compartilhado entre gerações. Na atividade linguística de narrar/ouvir histórias, transmite-se, de geração em geração, valores, crenças e conhecimentos passados de geração que têm um papel muito importante na vida cotidiana da comunidade Wassu, pois ajuda a atualizar/manter/promover a memória coletiva, tradições, histórias e das lutas dessa comunidade. Ao ouvir essas histórias, os estudantes não só aprendem sobre sua história, mas também desenvolvem um profundo senso de pertencimento e responsabilidade.

3.1 O DISCURSO DOS MAIS JOVENS SOBRE AS NARRATIVAS ORAIS DOS MAIS VELHOS DA COMUNIDADE: O QUE PERGUNTAM, ESCRIVEM E DIZEM OS ALUNOS?

O encontro entre os jovens e os anciãos resultou em um intercâmbio rico em sabedoria e aprendizado mútuo. Os estudantes começaram a entender melhor sua identidade cultural e a importância da luta contínua pela manutenção de suas tradições e seu território. Com cada relato ouvido em sala de aula ou nas casas dos líderes, os alunos foram construindo uma narrativa própria sobre sua identidade enquanto povo indígena. Essa construção coletiva fortaleceu laços entre gerações e promoveu uma nova valorização das tradições orais.

Além disso, ao escrever e falar sobre essas experiências, os alunos puderam expressar suas emoções e reflexões sobre as lutas passadas de seus antepassados. O exercício da escrita e as discussões orais, realizadas no âmbito do projeto se tornaram um meio poderoso de reafirmação e identificação a identidade cultural no contexto escolar. Apresentaremos agora algumas das interações discursivas realizadas pelos alunos indígenas em meio projeto *Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*:

Aluno 2:

- Entendi que precisamos lutar pela nossa terra como nossos avós fizeram (Aluno 2, *Projeto Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*).

Aluno 3

- As histórias me fazem sentir orgulho da minha cultura (Aluno 3, *Projeto Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*).

Aluno 4:

- Quando meu avô contou sobre a luta pela terra, eu pensei em como é importante cuidar do nosso espaço (Aluno 4, *Projeto Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*).

Aluno 5:

- A história dos herói da nossa aldeia me inspirou a ser corajoso [...] (Aluno 5, *Projeto Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*).

Aluno 6:

- Eu escrevi um conto sobre um jovem guerreiro que protege sua aldeia (Aluno 6, *Projeto Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*).

Aluno 7:

- Fiz uma poesia sobre as árvores sagradas que meus avós sempre mencionavam [...] (Aluno 7, *Projeto Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*).

Na próxima seção, iremos proceder com a análise teórica do *corpus* discursivo aqui apresentado. Contudo, já antecipamos que o discurso dos mais jovens revela, para utilizar a terminologia de Volóchinov (2018) em relação ao signo linguístico, uma dinâmica de reflexo e refração em relação às narrativas orais dos anciões da aldeia Wassu Cocal. Ou seja, ele reflete e refrata o dito narrado em meio

ao seu processo de atualização. Esse movimento de reflexão e refração se dá por meio de uma rica troca de experiências culturais na/da história do povo Wassu Cocal.

As perguntas formuladas, as reflexões compartilhadas e as produções escritas realizadas apontam não apenas o interesse pela história de seu povo, mas também uma vontade genuína de encontrar meios de manter essa tradição viva.

4 ENTRE A LÍNGUA, O SOCIAL, A HISTÓRIA E A CULTURA: ANALISANDO AS MARCAS DISCURSIVAS DO ENCONTRO INTERGERACIONAL DO POVO WASSU POR MEIO DO PROJETO RODA DE CONVERSA COM OS ANCIÕES DO COCAL VELHO.

O povo Wassu Cocal, semelhante à quase totalidade dos povos indígenas do nordeste brasileiro, não tem a língua ancestral preservada e, nesse quesito, é importante considerar que “a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática” (Barreto, 2011, p. 60).

Concordamos com Barreto (2011) em relação à função língua como elemento que engendra a identidade e originalidade de um povo e que a ausência da língua originária do povo Wassu Cocal afeta, em alguma medida, sua identidade e suas práticas culturais. Contudo, existe uma prática linguística entre os Wassu de contar suas histórias que funciona como um elemento agregador de sua identidade e revela a força, inteligência e a criatividade desse povo. Tal dado pode ser constatado na sabedoria ancestral que permeia todo o discurso de nosso ancião, o senhor Severino.

As narrativas orais estão profundamente enraizadas na cultura do povo Wassu Cocal. Elas são intrinsicamente constituídas por costumes, tradições e práticas que definem o modo de vida da comunidade. Ao escutar essas histórias, os jovens aprendem sobre suas responsabilidades dentro da sociedade e como devem agir para preservar suas tradições.

O discurso do ancião, que materializa a narrativa em tela, analisado a partir da ótica da AD pecheutiana, nos coloca no terreno da produção social dos sujeitos e dos sentidos em meio às contradições sociais impostas pela história:

Resta-nos lembrar que a análise de discurso trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o linguístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que o significam (Orlandi, 1996, p. 36-37).

Considerar o linguístico e o histórico imbricados na narrativa analisada, nos possibilita entender o processo histórico de constituição do sujeito do discurso e, sendo assim, entendemos com Orlandi (1996, p37) que “o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído”.

Ao ser questionado sobre as lutas em volta da conquista da TI de seu povo, o senhor Severino começa sua resposta com outra pergunta: “- Todos são índio?” (SD1). Já sabemos, a partir de Pêcheux (2014), que o discurso é efeitos de sentido entre interlocutores. Aparentemente, nosso ancião quer se certificar sobre seus interlocutores. Saber se são indígenas, saber se ele está falando com seus parentes, com os mais jovens do povo ao qual ele pertence e é um ancião reconhecido.

Se formos considerar que a roda de conversa que estava sendo iniciada acontecia em uma escola indígena dentro de uma TI indígenas, a pergunta do ancião poderia parecer descabida ou desnecessária, tendo em vista que, naquele contexto, os alunos ou seriam indígenas ou estariam ligados por algum grau de parentesco algum indígena, morando, assim, na comunidade que é intercortada pela BR 101 mas afastada do município de Joaquim Gomes ao qual pertence territorialmente. Que aqueles alunos fossem índios seria algo óbvio e é pela obviedade que a professora naturalmente responde: “- Os que não são, mas tem algum parentesco” (SD2).

Contudo, como posto por Santos (2020, 142), “[...] a afirmação do óbvio também precisa ser questionada, problematizada e posta em crise”. Tomando como condições imediatas de produção do discurso uma roda de conversa sobre as lutas pela conquista do território do povo Wassu que, como já apresentado no decorrer desse texto, está intrinsecamente ligado à identidade desse povo. O próprio ancião, com sua sabedoria ancestral, endossa essa perspectiva ao afirmar: “A gente não lutô apenas por um pedaço de chão (...) a luta foi pela identidade (...) história da gente” (Senhor Severino, Projeto *Roda de conversa com os anciões do Cocal Velho*).

Seguindo essa perspectiva, a pergunta presente na SD1 está para além do efeito de transparência da SD2 e instaura um efeito de interpelação ideológica que liga a identidade indígena Wassu, o ser índio, à memória da luta pelo território, à atualização dessa memória e ao próprio território. Nesse sentido, podemos afirmar que dessa forma se realiza “[...] o processo da interpelação-identificação que *produz* o sujeito” (Pêcheux, 2014, p. 145, grifos do autor). No caso do discurso em tela, o sujeito indígena Wassu.

É interessante destacar também que o discurso do ancião senhor Severino se inicia com uma interpelação/identificação e se encerra da mesma forma: “- Vocês são as voz do amanhã (...). Estudem não só pra vocês, mas pro nosso povo” (SD3). Diante do chamamento à identidade e à luta, há uma transmissão de legado. Hoje, é o ancião que fala da luta, da história, do povo. Amanhã, serão novas as vozes daqueles que se identificaram e foram reconhecidos como tal.

Nesse ponto, destacamos que o processo de interpelação produziu seus efeitos como a dito do Aluno 1 que assume a postura/responsabilidade de líder do grupo e responde: “- Todos são indígenas” (SD4). Esses efeitos vão se desdobrando na forma que os alunos vão ressignificando – refletindo e refratando - toda a narrativa realizada.

São nesses possíveis efeitos de reflexo e refração que entendemos os possíveis sentidos que os alunos indígenas atualizam nos ditos de que: “[...] precisamos lutar pela nossa terra como nossos avós fizeram (Aluno 2, SD5); “As histórias me fazem sentir orgulho da minha cultura (Aluno 3, SD6); Quando meu avô contou sobre a luta pela terra, eu pensei em como é importante cuidar do nosso espaço (Aluno 4, SD7) . Em alguns ditos se sedimenta a ideia de luta pelo território, em outros, por meio de um movimento de paráfrase, a luta se transmuta em cuidado, orgulho. Há também, por meio da escrita, a retomada dos guerreiros/heróis da comunidade não na figura do ancião, mas na atualização do jovem: “- Eu escrevi um conto sobre um jovem guerreiro que protege sua aldeia (Aluno 6, SD8)

As histórias contadas pelos anciãos, de forma geral, desempenham um papel fundamental na construção da identidade coletiva dos Wassu Cocal. As memórias compartilhadas criam um senso de unidade entre os membros da comunidade, reforçando laços sociais, culturais e históricos que transcendem gerações. Os jovens que se envolvem com essas histórias têm mais possibilidade de se identificarem à sua herança cultural, de se conectarem com o seu território com o seu povo. O que

não é garantia de acontecer, pois existem outras interpelações ideológicas, ligadas ainda ao processo de colonização e apagamento da identidade indígena no Brasil, que permeiam o cotidiano da juventude indígena Wassu.

Temos consciência que existem vários outros elementos a serem analisados tanto no discurso de nosso ancião, quanto no de nossos jovens estudante. Porém, por um limite de tempo e espaço, encerraremos nossas análises, dando destaque à sabedoria ancestral apresentada pelo senhor Severino que, do saber escolarizado, como ele mesmo afirmou em sua narrativa, aprendeu a escrever apenas o nome – processo com o qual estabelece uma relação de afeto, carinho, orgulho e respeito: “Então eu estudei no ABC e aprendi a fazer esse nome meu. Só sei fazer meu nomezinho que eu faço por interesse meu, porque eu não tinha condição de que a escola era longe” (SD9).

Analfabeto, pela classificação do IBGE por não ser capaz de ler e escrever um bilhete simples, o ancião Severino, senhor de um vasto letramento cultural, é capaz de narrar uma história de luta complexa e atualizá-la para a nova geração. Ao ser indagado/convidado para falar sobre a história da luta pela conquista do território do povo Wassu Cocal, depois de interpelar seus interlocutores sobre sua identidade, como aqui discutido, Severino começa sua narrativa falando sobre a educação escolar. Em uma primeira análise, poderíamos entender esse acontecimento como uma descontinuidade temática ou uma deriva dos sentidos posta pelo discurso do ancião.

Contudo, o que nosso ancião promove não é uma deriva dos sentidos, mas sim uma inscrição histórica da educação escolar indígena Wassu no campo nacional de luta dos povos indígenas do Brasil:

Mesmo com tantos desafios, os povos indígenas assumem a escola como instituição importante e necessária, mas justificam a sua existência no anseio de que ela possa contribuir com suas lutas mais amplas. Se escutarmos as palavras indígenas, em encontros e reuniões que problematizam a experiência escolar, vamos perceber o quanto eles procuram delimitar o lugar político da escola. Há expressões, utilizadas de maneira recorrente, que mostram o entendimento de que essa instituição só tem sentido se estiver subordinada às lutas políticas pela garantia plena de seus direitos. Os povos indígenas qualificam a escola como “formadora de guerreiros”, “específica e diferenciada”, e delimitam sua função: “escola pra aprender a ler um documento”, “a serviço da comunidade”, “uma escola indígena e não uma escola com peninhas”, “escola para formar nossos próprios advogados, médicos, enfermeiros, professores [...]”. “escola inserida na luta pela terra”, “escola na retomada”, “escola para aprender a língua”. Estas são algumas informações que trago na memória, ecos de

muitos encontros de professores indígenas que tive o privilégio de presenciar (Bonin, 2012, p. 35).

Nesse sentido, a escola surge como a atualização de uma trincheira de luta e resistência. Conforme posto por Pêcheux (2014b, p. 281) “não há dominação sem resistência [...] que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’. Ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja [...], isto é, é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’”. Sendo assim, em um processo de atualização de uma memória, o senhor Severino não apenas nomeia os guerreiros do passado, mas também interpela os novos guerreiros e novo espaço que eles devem se entrincheirar, como outrora fizeram seus antepassados, pela defesa de seu território e de sua identidade. A escola indígena surge, então, como um espaço simbólico para auxiliar, juntamente com a sabedorias ancestral dos mais velhos, os indígenas Wassu a pensarem por si mesmos, a narrarem e registrarem oficialmente sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas orais têm um papel central na cultura indígena, servindo como meio de transmissão de sabedoria e valores entre gerações. Segundo o livro "Narrativas Indígenas: Memória e Identidade", essas histórias não apenas preservam a história e a identidade cultural, mas também proporcionam um espaço para que os jovens possam se conectar com suas raízes. Na aldeia Wassu Cocal, os anciões compartilham suas experiências e ensinamentos, que são recebidos com atenção pelos mais jovens. Esse processo de escuta ativa é fundamental para que os alunos compreendam a importância de suas tradições.

As narrativas orais dos anciãos da aldeia Wassu Cocal são essenciais para a construção da identidade cultural da comunidade. Essas histórias, que incluem mitos, lendas e relatos do cotidiano, são transmitidas de geração em geração e servem como um repositório de sabedoria que reflete a visão de mundo dos mais velhos. Para os jovens, ouvir essas narrativas é uma oportunidade de conectar-se com suas raízes e compreender a trajetória de seu povo. Esse contato com as tradições orais permite que os alunos se posicionem criticamente sobre o que foi narrado, estimulando um diálogo ativo com a história.

A participação dos estudantes nas rodas de conversa revela sua curiosidade e desejo de aprofundar o entendimento sobre suas origens. Questões como “como

nós jovens devemos dar continuidade a história do nosso povo” ou “Como as experiências dos anciãos podem nos ajudar hoje?” demonstram que os jovens não apenas escutam, mas também refletem sobre as implicações das histórias. Essas indagações são fundamentais para o processo de aprendizagem e manutenção da identidade cultural de nosso povo, pois permitem que os alunos façam conexões entre o passado e o presente, além de instigar discussões sobre a relevância das tradições na vida contemporânea.

Os relatos sobre o modo de vida dos anciãos têm um impacto direto nas questões levantadas pelos jovens. Por exemplo, ao ouvirem sobre práticas tradicionais de cultivo ou rituais culturais, os alunos podem questionar como essas práticas se relacionam com o mundo atual e quais aspectos ainda são relevantes em suas vidas diárias. Essa busca por entendimento demonstra uma consciência crítica em relação às tradições e promove um diálogo entre o antigo e o novo, permitindo que os jovens explorem formas de manter essas práticas vivas.

A interação entre os mais jovens e os anciãos cria um espaço rico para o diálogo intergeracional. Durante essas conversas, os estudantes expressam suas opiniões e sentimentos sobre as narrativas ouvidas, muitas vezes trazendo à tona suas próprias experiências pessoais. Essa troca não apenas fortalece os laços comunitários, mas também permite que os anciãos vejam suas histórias sob uma nova perspectiva, enriquecendo ainda mais a tradição oral com as interpretações contemporâneas dos jovens.

Ao questionar as histórias contadas, os jovens não só demonstram interesse, mas também se posicionam como agentes ativos na manutenção de sua cultura. As perguntas feitas pelos alunos muitas vezes refletem suas preocupações contemporâneas e a busca por conexões entre o passado e o presente.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. 5. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

BODART, C. das N.; DE SOUZA, J. M. J.; PINHEIRO, E. da S. Identidade coletiva, performances e resistência: as experiências da tribo Wassu Cocal. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, [S. l.], v. 2, n. 13, p. 124–142, 2019. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciassociais/article/view/2339>. Acesso em: 16 jan. 2025.

BONIN, Iara Tatiana. Educação escolar indígena e docência: princípios e normas na legislação em vigor. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida; ZEN, Maria Isabel; XAVIER, Maria Luisa. **Povos Indígenas & Educação**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 5**, de 22 de junho de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Diário Oficial da União: Brasília, 2012.

FERREIRA, Ivisson. Hibes Menino: o assassinato do líder Wassu. **Resenha&Debate**, Rio de Janeiro: Museu Nacional-PETI/PPGAS/UFRJ, n. 5, set. 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípio e procedimentos**. 7ª- ed. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. In: PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014b.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. Tradução: José Horta Nunes. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

SANTOS, Lavoisier Almeida de. O antigo discurso do Novo Ensino Médio na tela: memória e silenciamento. 2020. 181 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura: Maceió, 2020.

VOLÓCHINOV, Bakhtin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.